

**O ENTRELAÇAMENTO DE PASSADO E PRESENTE EM A TARDE DA SUA AUSÊNCIA, DE CARLOS HEITOR CONY.**

**PAST AND PRESENT IN A TARDE DA SUA AUSÊNCIA, OF CARLOS HEITOR CONY.**

**Fatima Rejane de Meneses<sup>1</sup>**

**Resumo:** A memória (*mnémé*) e sua pretensão de verdade, a memória individual e a coletiva, bem como o entrelaçamento de passado e presente – tomando por base as concepções de Ricoeur (2007) e Halbwachs (2006) – serão aqui estudados fazendo um contraponto com o romance *A tarde da sua ausência*, de Cony. O objetivo deste trabalho é mostrar como a fenomenologia da memória, segundo Ricoeur (2007, p. 23), “estrutura-se em torno de duas perguntas: De que há lembranças? De quem é a memória?”, sendo a primeira pergunta mais importante. Assim, o foco será dado à lembrança de um fato do passado retido na memória de Henrique e Vera que afetará suas vidas no decorrer de toda a narrativa. A ausência, que faz parte do título da obra, mostra como esta desempenha um papel primordial no desencadeamento da memória e na busca da verdade. Duas imagens são especialmente essenciais nessa narrativa: uma fotografia e a rede na varanda, responsáveis pela rememoração do passado e pelos traços de memória individual e coletiva.

**Palavras-chave:** Memória. Passado e presente. Memória individual e coletiva.

**Abstract:** Memory (*mnémé*) and its claim to truth, individual memory and the collective as well as the past and present entanglement – building on the ideas of Ricoeur (2007) and Halbwachs (2006) – will be studied here making a counterpoint to the novel *The afternoon his absence* from Cony. The objective of this work is to show how the phenomenology of memory, according to Ricoeur (2007, p. 23), “is structured around two questions: What is memory? Whose memory?”, the first most important question. Thus, the focus will be given to the memory of a past event held in Henry and Vera memory that will affect their lives in the

---

<sup>1</sup>Formada em Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília (Uniceub) e em Letras pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Literatura pela Universidade de Brasília e doutoranda pela mesma universidade.  
E-mail: [rejanedemeneses@gmail.com](mailto:rejanedemeneses@gmail.com)

course of the entire narrative. The absence, which is part of the title of the work, shows how this plays a major role in triggering the memory and the search for truth. Two images are especially essential in this narrative: a photograph and the hammock on the porch, responsible for remembering the past and the traces of individual and collective memory.

**Keywords:** Memory. Past and present. Individual and collective memory.

## Introdução

*Maurice Halbwachs realmente ajuda a situar a aventura pessoal da memória, a sucessão dos acontecimentos individuais, que resulta de mudanças que ocorrem nas nossas relações com os grupos a que estamos misturados e nas relações que se estabelecem nesses grupos (Prefácio de Jean Duvignaud, A memória coletiva, de Maurice Halbwachs, 2006, p. 16).*

Este trabalho toma como base as teorias de Ricoeur em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, e de Halbwachs, em *A memória coletiva*. Os conceitos de memória, individual e coletiva, verdade, passado e presente serão exemplificados com a narrativa ficcional *A tarde da sua ausência*, de Cony. O enredo é simples, corriqueiro e despretensioso, mas mostra com maestria o declínio de uma família de classe média que se vê repentinamente empobrecida e todo o processo de desestruturação e desagregação familiar. Conforme se expressa o próprio Cony (2010, p. 5) à guisa de introdução: “Esta é a história de uma família complicada, no Rio de Janeiro, final do século XX. Tão complicada que parece improvável. Durante a narrativa, fui obrigado a recontar fatos, circunstâncias e sentimentos, repeti cenas e situações para que eu próprio acreditasse na perdoável miséria de seus personagens”.

Os conceitos de memória (tanto individual como coletiva) e verdade e de passado e presente tratados por Ricoeur e Halbwachs podem ser exemplificados nessa obra de Cony. No itinerário de desvendar de que forma a memória é formada, armazenada e recuperada nesse romance, percebe-se que o entrelaçamento entre passado e presente e a insatisfação pessoal e do grupo aparecem de maneira constante.

Considerando a ideia de Ricoeur (2007, p. 23) que diz que a fenomenologia da memória “estrutura-se em torno de duas perguntas: De que há lembranças? De

quem é a memória?”, mas destaca que o mais importante é “do que há lembranças”, o foco será dado à lembrança retida na “memória” dos personagens Vera e Henrique. Assim, passado e presente entrelaçam-se e compõem o centro da narrativa.

Quanto a Halbwachs, o eixo de sua obra está na concepção de que o homem, como ser social, não tem sua memória como algo estritamente particular ou individual. Ela está mesclada das informações fornecidas pelos grupos sociais dos quais o indivíduo faz parte. Assim, a memória individual (subjetiva, única) é formada pela memória coletiva, contaminada sempre pelas informações dos outros indivíduos.

## Memória

O conceito de memória (*mnémé*), embora muito estudado, não se esgota e permite muitas conclusões. A recuperação ou captura do passado chamada de memória é bastante estudada por Ricoeur, que faz uma diferença entre lembrança e recordação: a lembrança é involuntária, é um afloramento espontâneo desencadeado naturalmente por um fato; a recordação é buscada, procurada; é uma tentativa intencional de trazer de volta o passado a fim de não esquecê-lo. A lembrança muitas vezes desencadeia a recordação.

A memória também pode ser classificada em individual: quando se diz que as lembranças são as minhas e não as do outro; e em memória coletiva: aquela partilhada pelo grupo, que altera ou complementa a memória individual. A memória tem a pretensão de mostrar a fidelidade em relação ao passado, todavia isso não é possível, pois ela está sempre contaminada pela carga de aprendizado coletivo.

Em *A tarde da sua ausência*, a memória está relacionada a um passado distante, por volta de 1960, mas faz-se presente na vida de Henrique, um dos personagens centrais da narrativa. Ele e Vera dividem um segredo: uma experiência inusitada. Vera é uma adolescente e cunhada de Henrique, mais nova dez anos que sua esposa, Dalva. Ele está totalmente desiludido com a vida: mantém um emprego medíocre, indicado pelo sogro, sendo inclusive por este sustentado, o que o deixa numa situação desconfortável. Dalva, ocupada com a filha recém-nascida, Inês, deixa

o marido em segundo plano. Henrique mora com os sogros no casarão dos Machado Alves, em Ipanema, no Rio de Janeiro, sendo considerado por todos da família um parasita.

Percebe-se no romance que todos os membros da família Machado Alves apresentam certo desequilíbrio, o que gera a desestruturação familiar, apesar dos esforços do patriarca do clã de reunir seus membros. Em torno dessa família desenvolve-se a narrativa. Uma fotografia enviada a Henrique pela internet tem o poder de desencadear a lembrança e conduzi-lo ao passado: Vera é o seu foco. Sua ausência é mais forte que sua presença:

Abriu o computador e recebeu a foto, em preto e branco, da qual havia muito se esquecera. Quem a tirara? O mais certo seria perguntar quem lhe enviara aquele farrapo do passado, todos reunidos na escada que dava para a varanda da rua Redentor, tarde de um verão dos anos 60. [...]

Havia uma ausência naquela tarde de verão dos anos 60. Vera não estava lá. Já naquele tempo, aproveitava qualquer pretexto para isolar-se, para ocupar o espaço que lhe era próprio, ou pelo menos o que não fosse o mesmo dos outros.

Teria treze anos na época. Ela tirara a foto. Ao enquadrá-la, não centralizara o grupo. No canto esquerdo aparecia metade da rede que cortava a varanda em diagonal.

Sem nenhuma relação de causa e efeito, Henrique ouviu um telefone tocar. Na caverna mais funda da memória houve um pulo no tempo, a filha telefonando de Portugal, avisando que a mãe morrera subitamente (CONY, 2010, p. 9-10).

Ao telefonar Inês pretendia que o pai tratasse do enterro da mãe, que não deixasse tudo apenas por conta do “novo marido de Dalva, que bebia muito e devia estar fora de combate”. E mais: “Querida que o pai engolisse o passado, esquecesse o ressentimento, a vida que a ex-mulher levava, em parte ou no todo para se vingar dele próprio, o marido que não a amara” (CONY, 2010, p. 10). Henrique promete à filha que cuidará de tudo. Esse *flashback* dará início a toda a narrativa.

Os processos mnemônicos nesse romance são desencadeados pela fotografia, que desperta em Henrique novo interesse pelo passado. A lembrança não é fruto de sua imaginação. A foto é uma prova irrefutável do momento vivido com Vera na rede da varanda. Vera não aparece, mas sua presença é representada pela imagem da rede na varanda.

A ausência/presença de Vera repercute na vida de Henrique por vários anos e reforça sua importância. Há entre eles mais que atração: existem sentimentos ocultos. As expressões “Vera não estava na foto”; “em seu lugar, a rede”; “sua ausência”; “a rede em diagonal na varanda” e “a foto” repetem-se em todo o enredo, ressaltando o papel de Vera na vida de Henrique e deste na vida dela. Para ele, o foco não recai sobre as pessoas mostradas ali, mas no jogo entre ausência e presença. A lembrança é despertada rápida e automaticamente. A fotografia é o registro da memória, embora não seja objetivo, pois mostra o enfoque dado por quem fotografa. Quem registra escolhe o que registrar. Se em Vera foi proposital ou não é impossível saber.

Diante da telinha, Henrique olha mais uma vez a foto recebida. Quem a mandara?

[...]

Nos últimos vinte anos, conseguira dominar o processo interior de não lembrar que um dia estivera sentado naquela varanda cercado de mortos. Impossível reconstruir o que cada um deles havia feito cinco minutos antes da foto, nem o que faria cinco minutos depois.

[...]

Era a única que não estava ali [Vera]. Por um acaso que não percebera antes, aquele instantâneo do passado, congelado na foto em preto e branco, a denunciava. Pior: a desmascarava. Ela nunca estivera, nunca estaria ali, ave estranha no ninho, patinho feio às avessas, ausência permanente na longa tarde que breve começaria para todos (CONY, 2010, p. 11).

Vera procurava o isolamento em busca do prazer de se tocar deitada na rede na qual passava as tardes. Certo dia, ao chegar à varanda, o cunhado ocupava sua rede. Então, são obrigados a dividi-la. Após alguns instantes, Henrique parece dormir. Vera começa a tocar-se, e a proximidade dele aumenta ainda mais esse prazer, pela expectativa, pelo segredo, pelo inesperado:

Abriu os olhos um pouquinho só, para ver se o cunhado dormia ou fingia dormir. Sim, Henrique estava dormindo, ou quase. [...]. Voltou a ficar confiante em si mesma, podia até se tocar, com cuidado, compassadamente, não seria a mesma coisa, não seria tão gostoso. Mas estava com vontade.

Vera concentrou-se toda naquele ponto em que sua coxa nua, ao lado do cunhado, cada vez mais se apertava contra ele.

Começou a sentir prazer, um prazer diferente daquele de quando se tocava. Suave, sem urgência. Mesmo assim o prazer cresceu, cresceu, estourou. Quase ao

mesmo tempo, sentiu Henrique tremer de repente. Tremer todo. Para sua surpresa, Vera sentiu um novo calor, mais forte até, que também a fez tremer.

Nem precisou conferir com a mão: a coxa estava molhada.

[...] um cheiro indefinido, estranho, que vinha de um homem que cheirava a homem.

“Então é assim!”

E tremeu mais uma vez (CONY, 2010, p. 19).

Toda a narrativa vai girar em torno desse fato e do que se recordam os personagens. Em Vera, as lembranças são uma constante.

Segundo Ricoeur (2007, p. 26) é comum a memória misturar-se à imaginação, o que envolve o conceito de fidelidade da memória:

A permanente ameaça de confusão entre rememoração e imaginação, que resulta desse tornar-se imagem da lembrança, afeta a ambição de fidelidade na qual se resume a função veritativa da memória. E no entanto...

E no entanto... nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança.

Tomando-se as ideias de Ricoeur, pode-se dizer que a imagem de Vera deixou na memória de Henrique sua marca e impressão. Se a preocupação da memória é ser fiel ao passado, as lembranças podem ser consideradas indícios de que “algo” ficou guardado e retorna de forma sutil e natural, e não pela busca intencional. Isso ocorre quando queremos nos lembrar de algo que sabemos que existiu, mas não conseguimos capturar a informação. Ao falar da recordação, Ricoeur (2007, p. 28) faz uma analogia com a impressão num bloco de cera:

[...] Quando pomos esse bloco de cera sob as sensações e os pensamentos, imprimimos nele aquilo que queremos recordar, quer se trate de coisas que vimos, sabemos, ouvimos ou recebemos no espírito. E aquilo que foi impresso, nós o recordamos e o sabemos, enquanto a sua imagem (*eidólon*) está ali, ao passo que aquilo que é apagado, ou aquilo que não foi capaz de ser impresso, nós esquecemos (*epilelésthai*), isto é, não o sabemos.

Para Ricoeur, a verdade é múltipla, por isso é preciso falar de “verdades”: o que é verdade para um pode não ser para o outro. Do mesmo modo, não é possível falar de memória ou de verdade sem falar das “deficiências procedentes do esquecimento, mas elas não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas,

como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória, que nos liga ao que se passou antes que o transformássemos em memória” (RICOEUR, 2007, p. 69). O registro de um serve de testemunho do registro do outro. Henrique em certos momentos duvidou de sua memória, inclusive ao procurar a foto no computador e não mais encontrá-la. Neste instante, porém, ele percebe que só Vera poderia ter enviado a foto: “Quem lhe mandara aquela foto sabia que somente ele poderia nomear cada um daqueles mortos, conhecendo o que a vida faria de cada pedaço. Vera não estava na foto” (CONY, 2010, p. 10).

Ricoeur (2007, p. 70) chama de “fidelidade essa busca de verdade”. A foto que Henrique recebe é a confirmação do fato vivido, pois é tangível, pode ser tocado, observado, analisado, avaliado. Não é fruto de sua imaginação. A imagem da foto sobrepõe-se à imagem da memória e funciona como um espelho. Há uma autenticação do fato, uma vez que os indícios se transformam em materialidade: a foto enviada por alguém que certamente também se recorda. Segundo Ricoeur (2007, p. 40), “o que justifica essa preferência pela memória ‘certa’ é a convicção de não termos outro recurso a respeito da referência ao passado senão a própria memória, convicção que a continuação deste estudo se empenhará em sustentar. Uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado”.

A presença de Henrique será uma constante na vida de Vera. Em várias ocasiões ela se lembrará dele. O mesmo acontecerá com ele. No decorrer do tempo, o que parece atração entre eles transformar-se-á em sentimento, que só será percebido por ambos depois de muita fuga, omissão, procura e descoberta.

Ricoeur, em sua “Nota de orientação” (2007, p. 71), aborda que a memória também tem uma função pragmática, ou seja, “lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer’ alguma coisa. O verbo ‘lembrar-se’ faz par com o substantivo ‘lembrança’. O que esse verbo designa é o fato de que a memória é ‘exercitada’”. Para Ricoeur (2007, p. 249), “a coerência narrativa confere legibilidade; a encenação do passado evocado dá a ver”.

No nível da narrativa, a veracidade dos fatos guardados na memória faz com que a intriga tenha sentido e possa seguir seu percurso com base numa lógica inter

na do enredo em si mesmo. Essa veracidade muitas vezes é atestada pela cronologia histórica, criando-se, assim, um pacto entre o autor e o leitor com relação ao encadeamento narrativo. Isso não significa, contudo, que haja uma verdade, mas “verdades”, pois cada um tem sua própria verdade. Para Henrique e Vera, o passado é representado com fidelidade, e os detalhes das recordações dão precisão, rigor, exatidão à narrativa ficcional, têm cunho de verdade (*veritas*), da mesma forma que a preocupação com o rigor da pesquisa dá credibilidade à narrativa histórica, segundo Ricoeur.

O tempo – em especial passado e presente – é importante neste trabalho porque está ligado inexoravelmente à memória e às lembranças. Ele é quase um personagem em toda a narrativa, pois Cony utiliza-o para mostrar como a memória pode afetar e modificar a vida dos personagens. *A tarde da sua ausência* é uma obra de valorização da memória, portanto repleta de *flashbacks*. Cony reforça em várias ocasiões a aproximação das duas memórias, com o registro da semelhança existente entre ambas. Os relatos são reproduzidos por Vera e Henrique com muita proximidade de sentimentos, tendo em vista o compartilhamento de experiências. Ele vive do passado, parece esquecer o presente e nem sequer pensar no futuro. Em certo trecho da obra, o narrador registra isso: “[...] o passado era a maneira mansa, já indolor, de viver o presente” (CONY, 2010, p. 154).

É possível perceber a constância de Vera na memória de Henrique no transcorrer dos anos: “Um brinquedo de luxo. Junto dela, qualquer um podia ficar contemplando o céu, as nuvens, o mar, o mundo. A presença de Vera contaminava tudo. Era urgente senti-la. Inútil ignorá-la” (CONY, 2010, p. 45). Em Cony o tempo é marcado de diversas formas: a) cronologicamente pelo desencadear dos acontecimentos; b) pela intercalação de ausência/presença; c) pela anterioridade e posterioridade do fato vivenciado (o contato de Vera e Henrique na rede); d) e, de modo sutil, pela procura de um pelo outro no decorrer dos anos, como se fosse um ato falho, um desejo recalcado ou encoberto.

Em outro trecho Henrique lembra-se de Vera logo após o casamento dela com Carlos. Toda a família foi se despedir do casal no Aeroporto do Galeão. Ela se

mudava com o marido para o México, onde moraria por três anos (CONY, 2010, p. 65-67):

Preferia sempre o outro lado do disco original, que trazia o fox “Mulher”, da mesma dupla e com o mesmo cantor:

*Não sei  
que estranha magia  
teu corpo irradia  
e me deixa louco assim,  
mulher...*

[...] Não suportou quando viu Vera num tailleur cinza-claro, a blusa de seda amarela saindo por cima da gola, as pernas que o sapato de salto alto tornava monumentais. Era um crime não poder segui-la mesmo de longe. Farejá-la, como sempre o fizera.

[...] Queria apenas fugir da despedida.

[...] Não olhou [Vera] para Henrique. Ignorou-o de forma tão grosseira que ele precisou virar o rosto para que ela não visse a perturbação que causara nele.

A esposa de Henrique, Dalva, sente muito ciúme da irmã. Certo dia, ao regressar do México após separar-se de Carlos, Vera percebe o sentimento que desperta em Dalva (CONY, 2010, p. 97-98):

Dalva um dia viu a irmã preparando-se para sair, com aquelas saias justas que usava desde menina. Na mesma hora, Henrique apareceu e também ele reparou na saia apertada que Vera usava.

– Vocês nunca transaram?

A pergunta de Dalva parecia já ter sido feita diversas vezes no passado. Mesmo assim, ela a repetiu, sem ódio, como se fosse uma resposta:

– Vocês nunca transaram?

Vera não respondeu. Evitou olhar para a irmã e como nunca olhava para Henrique, saiu da sala.

[...]

– É como é que eu deveria estar? Depois de tudo!

– Tudo o quê?

– A merda de tudo, desta casa... de Vera... de você!

Ele sabia que não adiantava discutir. [...]

– Bem, vê se para de beber. Daqui a pouco Inês volta da escola e não será agradável para ela ver a mãe... assim.

[...]

– Seria melhor que trepasse com a minha irmã! Ficava tudo na merda desta família!

Henrique se recorda: “Dalva teve casos, facilmente tinha casos. [...] Finalmente, encontrara um idiota suburbano, bom de coração e ruim de ideias, filho de um

nababo de Campo Grande, que possuía prédios, terrenos [...]” (CONY, 2010, p. 114). Anos depois, Dalva morre alcoolizada em Campo Grande. A filha, Inês, já adulta, pede ao pai que cuide do enterro da mãe, pois vive e estuda em Portugal, sendo impossível voltar ao Brasil com a rapidez necessária. Ele rememora todos esses episódios, fazendo um inventário sentimental da família Machado Alves, que também fora a sua. Na época da demolição da casa, Vera se mudara para um pequeno apartamento na Lagoa. Ele e o sogro moravam sozinhos, dois solitários na casa que seria demolida brevemente:

Não considerava os mergulhos no passado uma recordação. A palavra “recordação” tinha a raiz cor, não precisava ser erudito para saber que *cor*, *cordis* é coração em latim. E seus mergulhos não eram carinhosos, afetivos. Melancólicos, mas não nostálgicos.

[...]

Henrique pagava tudo e já providenciava a compra do apartamento no Leblon. Quando demolissem a casa, para lá se mudaria. Levaria apenas o sogro, que já estava destruído e não podia ser vendido. Levaria também o empregado de tantos anos, que era necessário e ao qual também se afeiçoar, à sua maneira.

Amarrando-se a coisa tão pouca, ele empatava o presente com o passado.

[...] Mas ela estava ali. Tinha a cor mais amarelada, apanhava um pouco de sol pela manhã. Embora desbotada, parecia intacta.

Tirou a rede dos ganchos, dobrou-a com cuidado e a guardou na caixa em que levaria suas coisas (CONY, 2010, p. 117-118).

Muitos anos transcorreram antes que Vera descobrisse os próprios sentimentos. Contudo, Vera sabia o que desejava. Sempre soubera isso, por instinto, nunca por cálculo. Estava no ponto de fazer uma escolha, que ela desconfiava seria a definitiva:

Quando se esforçava para não pensar em nada, conseguia sem esforço limpar a cabeça de tudo, ficava oca, tão oca que havia silêncio dentro dela, onde apenas uma voz se ouvia: “É”.

[...] bem menos complicado que Henrique, que nela cravara o cheiro e a mancha do esperma. Fora há muito tempo, certamente ele não dera importância àquela tarde que, para o bem ou para o mal, seria o anúncio de sua ausência, da ausência de si mesma. A tarde da sua ausência.

E ela só tinha treze anos (CONY, 2010, p. 119-120).

Nesse sentido vários trechos de recuperação da memória se repetem. Quando volta ao Brasil depois de separada, Vera torna a lembrar-se do episódio com Henrique:

No dia em que deitou na rede e perguntou-lhe se o livro que estava lendo era bom, ele respondera com um simples “É”.

Palavra tão curta, tão impossivelmente breve, ficou nela, como visco de esperma. Ela limpava a coxa e o short, lembrava sempre o cheiro daquela secreção, a primeira que sentira na carne.

O tom daquele “É” varava sua memória e, pior do que a memória, varava seu desejo. Mesmo agora, quando Henrique se transformara no algoz de todos (CONY, 2010, p. 105).

Halbwachs postula (2006, p. 91) que “a lembrança é uma reconstrução do passado com dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada”. E acrescenta ainda (p. 96) “que é impossível que duas pessoas que presenciaram um mesmo fato o reproduzam com traços idênticos quando o descrevem algum tempo depois”. No entanto, considerando as lembranças de Henrique, percebe-se que embora ele possa ter preenchido algumas lacunas, os fatos do passado quase não foram alterados. Halbwachs (2006, p. 101) vai mais fundo quando diz que “um meio de preservar as lembranças é registrá-las em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem”. Se Vera e Henrique não fizeram o registro, Cony fez por intermédio do narrador.

As lembranças dos personagens centrais da obra vão mostrar como o sentimento que os une vai persistir por anos:

[Vera] Lembrou a respiração daquele homem adulto, Henrique amassando seu corpo contra o dela. Sentira o visco que manchara a parte lateral do short, deixando em sua pele um pouco da secreção cujo cheiro e consistência nunca sentira.

Ao lembrar aquele cheiro, teve raiva do cunhado e de si mesma. E para não pensar nele deu uma volta no tempo [...] (CONY, 2010, p. 36).

À medida que o tempo avança, os sentimentos de Henrique e Vera tornam-se mais intensos. Foi assim no passado e será no presente. A morte dos outros Mem

bro da família vai destacar a solidão de ambos e aproximá-los. Ao retornar do México três anos depois, já separada de Carlos, seu marido, Vera vai viver novamente no casarão da família. Henrique sente seu desejo novamente despertado com a presença de Vera. É um desejo reprimido, mas não passageiro, pois persistia apesar dos anos. Coincidentemente, à época da falência de Álvaro, Henrique inicia um negócio de representação de azeite e vinho. Os papéis se invertem:

Os dois pratos da balança nunca estariam equilibrados.

Quando o prato de Álvaro Machado Alves desceu, o de Henrique subiu. Apesar disso, os dois faziam parte de um sistema que sobrevivia misteriosamente. Nunca procuravam se entender. Por isso, chegavam a uma relação que às vezes parecia de amor (CONY, 2010, p. 83).

A casa da família seria demolida. Machado Alves perdera tudo. Com uma renda insignificante, não teria condições de sustentar-se sozinho. Sua situação era bem ruim. Os filhos e a esposa já tinham morrido, embora ele já não se lembrasse: “E Álvaro Machado Alves, depois de certo tempo, mancava, envelhecia pelas pernas, sem perceber que envelhecera por dentro” (CONY, 2010, p. 87). E mais adiante: “A idade e a solidão podiam explicar as interferências do passado no presente e vice-versa”.

Henrique vai amparar o sogro na velhice como uma forma de gratidão, além do fato de que sempre gostara dele. Apesar das diferenças, ele e o sogro tiveram sempre bons sentimentos um em relação ao outro, ao contrário da convivência com a sogra. “Quando ficou impossível manter a casa da rua Redentor, ele [Henrique] comprou o apartamento no Leblon para nele se instalar com o sogro” (CONY, 2010, p. 162). Com a morte de Álvaro, em menos de três dias o apartamento do Leblon ficara deserto. Vera partira novamente: “E Henrique sabia que Vera mais uma vez fugia, não dele, mas de si mesma. Como fugira da casa da rua Redentor indo para o México para viver com um professor que ela não amava. [...] E agora fugia outra vez, deixando-o sozinho” (CONY, 2010, p. 162).

Se considerarmos, segundo Ricoeur (2007, p. 25), que “a representação do passado aparenta ser mesmo a de uma imagem”, pode-se fazer uma analogia com

a imagem destacada em *A tarde da sua ausência*: a fotografia com a rede na varanda, “responsáveis” pelo despertar da atração entre Vera e Henrique, bem como da repetição no presente dessa imagem que se tem do passado. Assim, a rede marca o início e o fim da narrativa. Antes ponto de discórdia entre os dois e de solidão para cada um, agora é símbolo de união e encontro, de mansidão e aceitação; ponto de relaxamento e pousada de Henrique e Vera. O deslocamento em direção ao passado reafirma a importância do tempo e do espaço na configuração da memória.

A ideia de que Vera aparentemente não tinha laços com ninguém, nem dentro nem fora da família, será desconstruída no final da obra, quando ela demonstra preocupação com a demência do pai, com a doença do velho empregado da família, que logo depois vem a falecer, e, principalmente, com seus sentimentos em relação a Henrique.

Vera vai viver novamente com o pai e o ex-cunhado no casarão antes de sua demolição. A culpa do passado está sempre com ela: “À noite, jantava com Henrique, em silêncio, não se gostavam, mas de certa forma se respeitavam, na tarefa comum de testemunhas de um crime que ambos não podiam esquecer. O crime de tudo ter acabado. O crime de não terem acabado” (CONY, 2010, p. 133).

No final do romance, Henrique percebe a importância que teve o sogro em sua vida: “[...] Um sogro que, afinal, gostava dele. E, por estranho que fosse, Henrique também gostava do sogro, adivinhava nele alguma coisa que ninguém sabia, como se fosse o personagem de um drama confuso que o destino capricharia em alçar e derrubar – como numa tragédia que nunca faria sentido” (CONY, 2010, p. 59). Com a falência do sogro, Henrique vai apoiá-lo: “O que Henrique poderia esperar de um homem assim, um homem que agora precisava dele?” (CONY, 2010, p. 76). No primeiro dia de abril, os três se mudam para o apartamento comprado por Henrique no Leblon:

Com ela de um lado, Henrique do outro, o velho Machado deixou a casa, sem saber para onde ia e sem olhar para trás.

Quando o colocou no assento da frente do carro, Henrique teve vontade de fazer um carinho em sua cabeça branca.

Travou o gesto.

– Duplo zero! Tudo da banca! – falou.  
O velho não entendeu. Vera fez de conta que não ouviu (CONY, 2010, p. 133-134).

Anos depois, ao reencontrar o cunhado, Vera descobre seus sentimentos em relação a ele, embora negue até para si mesma. Ela percebe que também há nele um sentimento mais forte em relação a ela. Acredita, inclusive, que sua “busca” chegou ao fim.

### **Memória individual e memória coletiva**

Apesar de os fatos terem envolvido mais de uma pessoa, a maneira de vivenciá-los difere de um indivíduo para outro. Se há uma marca de subjetividade, individual, com as características da personalidade, há também interferência dos grupos aos quais o indivíduo pertence, ou seja, memória coletiva. Assim, não existe memória individual pura, particular, pois esta é contaminada pela memória coletiva, pelas informações de outros indivíduos. Em contrapartida, também não existe memória coletiva pura, pois ela também é contaminada pelas intervenções de cada um individualmente. Halbwachs ressalta que o homem, como ser social, não consegue viver de forma isolada, pois necessita agregar-se para evoluir e aprender a conviver com as diferenças.

Para Halbwachs (2006, p. 10), “a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante”. Além disso, considera que a memória é gerada pela “sucessão dos acontecimentos individuais, que resulta de mudanças que ocorrem nas nossas relações com os grupos a que estamos misturados e nas relações que se estabelecem nesses grupos” (2006, p. 13). Ela nunca parte do vazio, é sempre evocada por algo, mas pode ser contaminada ou distorcida. No caso de Henrique, a fotografia recebida desencadeia a lembrança, processo involuntário; e posteriormente a recordação, que é a procura na memória dos acontecimentos do passado. Nesse processo, Hen

rique lembra-se de Vera com tanta exatidão que o tempo não parece ter transcorrido.

Halbwachs defende (2006, p. 69) que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”. É a partir de uma memória coletiva que se forma a memória individual, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, ou seja, a memória individual não existe de forma isolada, pois o homem é produto do meio em que vive. Muitas reflexões, sentimentos, opiniões, paixões que atribuímos à nossa individualidade foram gerados e inspirados pelo grupo:

É muito comum atribuímos a nós mesmos, como se apenas em nós se originassem, as ideias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo nosso grupo. Estamos em tal harmonia com os que nos circundam que vibramos em uníssono e já não sabemos onde está o ponto de partida das vibrações, se em nós ou nos outros. Quantas vezes expressamos, com uma convicção que parece muito pessoal, reflexões tiradas de um jornal, de um livro ou de uma conversa! (HALBWACHS, 2006, p. 64).

Quando “conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós”, menciona Halbwachs (2006, p. 30). Ele completa (2006, p. 32) ser comum que imagens “impostas pelo meio em que vivemos modifiquem a impressão que guardamos de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida”. Reforça ainda que (2006, p. 71) “o indivíduo participaria de dois tipos de memórias. Não obstante, conforme participa de uma ou de outra, ele adotaria duas atitudes muito diferentes e até opostas”. Mesmo sendo coletiva, conta com a memória individual de cada um dos membros do grupo social, ou seja, há uma consciência individual, pois a sensação e a percepção não são atos que podem ser transmitidos, são únicos para cada um. Halbwachs considera que a memória coletiva é processada numa instância primeira, e posteriormente a individual, mas não há privilégio de uma em detrimento da outra, pois precisamos do outro para lembrar, mas cada um tem uma lembrança individual.

Para uma memória fazer uso da memória do outro é preciso que ambos tenham feito parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo, diz Halbwachs (2006, p. 39). Isso ocorre com Henrique e Vera. O grupo social partilhado é a família de Vera. A imagem do passado sobrepõe-se com fidelidade à do presente, como se uma imagem recobrisse a outra. Nesse sentido, Halbwachs (2006, p. 55) faz suas as palavras de Bergson que chamava de “reconhecimento em imagem, ou a sensação do *déjà vu*. [...] Em meu espírito duas imagens se recobrem – uma é o quadro que tenho sob os olhos e a outra, o quadro que vi outrora: uma percepção e uma lembrança?”

Em *A tarde da sua ausência*, a memória coletiva está relacionada às lembranças de Henrique e Vera, que, embora apresentem diferenças individuais, partilham semelhanças de sensação e percepção sobre o encontro na rede. Portanto, a memória individual é confirmada pela memória coletiva, pois há semelhanças entre “o fato lembrado” pelos dois personagens centrais. As diferenças não desqualificam o fato de existir uma memória coletiva, uma vez que para Halbwachs a memória coletiva é uma narrativa de lembranças comuns, não é imprescindível que a maneira de vivê-las seja idêntica, até porque isso é impossível, tendo em vista a subjetividade.

Os rastros do passado são um processo, não estão prontos, terminados, concluídos. Embora os fatos já tenham ocorrido, eles são reconstruídos no presente mediante a memória de cada um em sua pretensão de verdade individual. Segundo Ricoeur, o horizonte de uma pessoa precisa do horizonte da outra, daquilo que foi vislumbrado, notado, selecionado como mirada, e quanto mais complexo, mais nitidamente o fato é delineado. O *flashback* é utilizado amiúde no romance aqui analisado: narra-se no presente, mas evoca-se constantemente o passado. Há na memória de Henrique e Vera pontos de confluência e intercessão que podem ser vistos em todo o enredo.

## **Memória feliz**

Dois outros conceitos trabalhados por Ricoeur em sua obra são *esquecimento* e *memória feliz*. O *esquecimento* está em pé de igualdade com a lembrança. Para Ricoeur, essa igualdade se deve ao fato de o esquecimento representar as falhas ou a sombra da memória. Um é o oposto do outro: quando a lembrança se faz presente, o esquecimento foi suplantado. O outro conceito é de *memória feliz*, ou seja, aquela alcançada, realizada, que não foi esquecida. É a concretização dos fatos evocados da memória. Na obra de Cony, a lembrança feliz é representada pela rememoração de Henrique ao receber a foto e quando ele descobre na gaveta no quarto de Vera a foto tirada na escadaria do casarão. O sogro tinha morrido fazia quase um ano. Logo após a morte dele, Vera viajara para visitar a mulher do irmão, também já falecido, e ficou em Belo Horizonte por um ano. Nunca entrara no quarto de Vera, embora este pertencesse ao seu apartamento. Ali havia uma janela que não era aberta havia meses. Talvez a empregada tivesse deixado aberta após a faxina:

Nunca entrara naquele quarto. Acendeu a luz, foi à janela, o vento batia na vidraça, a chuva escorria pelo lado de fora. Mas tudo estava seco.

Só depois de examinar a janela, Henrique teve coragem de ver o resto. [...]

O que estaria guardado ali?

Hesitou um pouco, mas a chuva lá fora, ele sozinho, onipotente em sua solidão, foi impossível deter o gesto. Apanhou a pasta, abriu-a.

Duas fotos antigas, quase apagadas.

Uma delas, era de Cátia, a vizinha da rua Redentor. [...]

A outra foto estava tão manchada que era difícil reconhecer quem e o que estavam nela. Mas Henrique conhecia aquele grupo reunido num verão qualquer dos anos 60. Lá estavam todos, na mesma foto que, meses antes recebera no computador (CONY, 2010, p. 165-166).

A reconciliação de Henrique e Vera com o passado ocorre após quase um ano de sua ausência, quando ela regressa de Belo Horizonte para o apartamento do cunhado:

Voltou sem avisar. Passara quase um ano em Belo Horizonte, nunca telefonara, nunca escrevera. Bem ela. Um dia chegou. Sua especialidade era esta: chegar. Uma chegada que, estranhamente, prolongava sua ausência.

[...] Henrique não a esperava, ficou surpreso quando, ao acordar, notou que a porta do quarto dela estava fechada.

– Vera voltou! Ficou mais moça! [diz a empregada].

[...]

Ao entrar no quarto dele, teve a impressão de que Vera estivera ali, Não mexera em nada, aparentemente, nem haveria motivo para que ela mexesse em suas coisas. Mas sentia a presença dela, da mesma forma que sentira sua ausência (CONY, 2010, p. 167).

Cony (2010, p. 5) repete trechos, como ele mesmo diz no início da obra, a fim de “acreditar na perdoável miséria de seus personagens”, certamente há outro motivo para tal repetição: a força do passado na vida deles. O passado de Henrique e Vera é tão importante que no final da obra não será “reconstruído”, no sentido literal da palavra, mas recuperado de forma *integral*: o capítulo 62 é uma repetição do capítulo 3; e o capítulo 63 é uma repetição do capítulo 14. Na verdade, os dois capítulos repetidos – 3 e 14 – são essenciais no desenrolar e no entendimento da narrativa, além de servirem como reconhecimento do passado na história do presente, o que confirma que os fatos mais presentes em nós também foram gravados na memória das pessoas mais próximas. Tem-se aqui a resposta às duas perguntas de Ricoeur feitas no início do trabalho: “o que lembrar” e “quem se lembra”. Repetido até a exaustão e na mesma intensidade de antes, o passado é retomado por completo, permitindo a reescrita dos fatos em forma de memória feliz. De certa forma, pode-se dizer que o tempo não passou para Henrique e Vera. Se houve intervalo, este está relacionado ao que Halbwachs (2006, p. 132) chama de “sucessão cronológica dos fatos no tempo”.

## Conclusão

De modo geral, *A tarde da sua ausência* pode ser dividida em três fases: a) recebimento da foto por Henrique, o que desencadeia a rememoração e a volta ao passado; b) narrativa dos fatos ocorridos enquanto viveu com a família Machado Alves e posteriormente sua relação com a ex-cunhada após a morte do sogro; c) representação da imagem que Henrique e Vera têm do episódio que os envolveu em particular e dos sentimentos que um nutre em relação ao outro. Cony trabalha com maestria a memória dos personagens Vera, Henrique e Álvaro, mostrando de que forma o passado é capaz de afetar suas vidas no presente, afastando-os ou aproxi

mando-os. A trama envolve a desagregação de uma família de classe média que se vê repentinamente falida.

A lembrança de Henrique com sua volta ao passado é involuntária: a fotografia da família numerosa dos Machado Alves na escadaria que dá acesso à varanda do casarão situado em Ipanema, no Rio de Janeiro, recebida via internet desencadeia todo o processo. A lembrança é um processo involuntário; posteriormente, vem a recordação, que é a procura na memória dos acontecimentos do passado. Nesse processo, Henrique lembra-se de Vera com tanta exatidão que o tempo não parece ter transcorrido.

Na foto vislumbra-se a rede na qual Vera se deitava em busca de isolamento e solidão, mas Henrique percebe que a ex-cunhada foi a única a não aparecer na foto. O título da obra já põe em destaque a importância dessa ausência. Na realidade, o romance entrelaça a memória e o tempo, no caso o tempo passado reavivado e revivido por três personagens principais – Vera, Henrique e Álvaro Machado Alves.

O enredo envolve a decadência da família e do casarão com a falência de Álvaro, o patriarca da família. Henrique, que ascendeu financeiramente, acolhe o ex-sogro e a ex-cunhada. Ao trabalhar com a memória dos personagens, em especial a de Vera e Henrique, Cony mostra que o passado é capaz de afetar as pessoas no presente, afastando-as ou aproximando-as, inclusive mudando seus destinos. A obra recupera e valoriza a memória. A ausência se repete em toda a construção da obra do início ao fim: “E tudo se perdia como uma canção antiga na tarde da sua ausência” (CONY, 2010, p. 188). No final do enredo tem-se a concretização da memória feliz. Vera e Henrique recordam-se do passado e assumem o sentimento que os consumia. Há, de certa forma, uma reconciliação dos personagens com o passado.

## Referências

CONY, Heitor. *A tarde da sua ausência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Artigo recebido em 12/05/2015  
Artigo aceito em 04/04/2016